

A Idéia de Progresso em Kant

José Aparecido Pereira
PUC-PR

RESUMO: Fazer uma abordagem em que a noção de progresso em Kant seja explicitada, constitui-se como a intenção primordial deste artigo. A fundamentação teórica para a realização deste objetivo, encontrar-se-á, sobretudo, em duas obras de Kant: "*Idéia de Uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita*" e "*O Conflito das Faculdades*". Na primeira, pressupõe-se que é na história que a espécie humana realiza progressivamente os seus próprios fins. Neste sentido, o progresso é visto e entendido sob uma teleologia da natureza. Na segunda, influenciado pelo acontecimento contemporâneo, a Revolução Francesa, Kant apresenta uma concepção de progresso totalmente nova, instigante e reformulada, chegando à conclusão de que o horizonte de uma teleologia da natureza não é suficiente para se pensar sobre o sentido da história.

PALAVRAS-CHAVE: Kant; história; razão; progresso.

ABSTRACT: The primordial intention of this article is to make an approach where the notion of progress in Kant is explained. The theoretical fundament for the accomplishment of this objective will be found, above all, in two works of Kant: "Idea of a Universal History under a Cosmopolitan Point of View" and "The Conflict of the Faculties". On the first one, one estimates that it is in the history that the human species gradually fulfills its own goals. In this way, the progress is seen and understood under the teleology of the nature. On the second book, influenced by a contemporary event, the French Revolution, Kant presents a conception of progress totally new, instigating and reformulated, coming into the conclusion that the horizon of the teleology of the nature is not enough to think itself about the meaning of the history.

KEYWORDS: Kant; history; reason; progress.

I. INTRODUÇÃO

A discussão sobre a fixação de uma data quanto à gênese das filosofias da história sempre esteve permeada por uma série de divergências e discordâncias. Em torno desse problema duas posições surgiram no decorrer da História da Filosofia. Por um lado, há aqueles que defendem o argumento que a concepção cristã de temporalidade, fundada na *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, constitui-se como o arcabouço teórico que originou a reflexão sobre a história. Por outro lado, há aqueles que destoam dessa posição e argumentam que as condições para o surgimento de uma investigação filosófica sobre a história só se deu no século XVIII, principalmente com Kant e Hegel. Desta forma, tais divergências se fundam em noções diferentes do que seria a filosofia da história e também no sentido da secularização dos elementos cristãos na filosofia moderna.

Divergências e discordâncias à parte, pois a nossa intenção não é fazer uma abordagem sobre esse assunto, o que queremos nesse artigo é investigar e analisar a concepção de progresso presente no pensamento kantiano a partir de dois textos que ele escreveu: "*A Idéia de Uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita*" (IHU) e "*O Conflito das Faculdades*" (CF). Entretanto, isso não significa evidentemente que não faremos uso de outras obras kantianas, haja vista que sua noção de filosofia da história se encontra em vários de seus escritos. Com isso, uma evidência já aparece de antemão: falar do progresso em Kant implica em abordar a sua filosofia da história.

Metodologicamente o presente texto se encontra organizado em três partes ou tópicos. No primeiro momento, a nossa intenção é mostrar que, em Kant, o esclarecimento é de extrema importância para o processo de moralização da sociedade se constituindo numa condição fundamental para se pensar a sua noção de progresso, bem como, a sua filosofia da história ou seu pensamento como todo. No segundo momento, queremos explicitar a partir de IHU que a concepção de progresso no pensamento kantiano encontra-se ancorada numa teleologia da natureza. Assim, Kant pensa o progresso seguindo uma trama teleológica. Neste sentido, é na história que a espécie humana realiza progressivamente os seus próprios fins: a história é um desenvolvimento finalizado. Por fim, no último momento do nosso artigo, a partir do CF, ver-se-á que alguns anos depois da Revolução Francesa, Kant reformulou a questão do sentido da história de modo bem mais pertinente. A conclusão a que ele chega é que seguir a trama teleológica da natureza não é mais suficiente para se pensar o progresso. Vale lembrar que a sua fonte inspiracional para essa nova concepção será, sem dúvida, a Revolução Francesa.

2. O ESCLARECIMENTO COMO PROCESSO DE MORALIZAÇÃO DA SOCIEDADE E CONDIÇÃO PARA O PROGRESSO DA HUMANIDADE

Cumprir dizer que o movimento intelectual europeu do século XVIII que consensualmente foi denominado pelos filósofos de Esclarecimento ou Iluminismo passou por, pelo menos, três caracterizações diferentes na Alemanha de Kant: a) intitulada de racionalista, teve como expoente principal Christian Wolff que projetou um sistema filosófico iniciando pela lógica e que, tendo passado pela metafísica, acaba englobando também a moral, a política e a economia, b) Com o exílio de Wolff por causa da pressão política de Frederico Guilherme I, a noção de Esclarecimento havia passado por um processo de mudança em sua caracterização sendo ressaltado agora o ceticismo e o senso comum em detrimento da atividade da razão abstrata fazendo com que, em meados do século, pouquíssimos filósofos escrevessem sistemas racionais. A perspectiva agora parece ser outra: a preferência por textos com conotações céticas influenciados pelo pensamento de David Hume², c) inicia-se com a publicação da *Crítica da Razão Pura* de Kant em 1791 com a qual ele retornou à rigorosa filosofia sistemática.

Em um dos seus ensaios intitulado “O Que é Iluminismo?” que ele escreveu em 1748, Kant descreve o Esclarecimento com conotações e termos muito próximos daqueles desenvolvidos no prefácio da primeira edição da *Crítica da Razão Pura* na qual ele pontua que o seu tempo é uma época de crítica: crítica da religião, da política e até mesmo da razão. Em sua concepção, o Esclarecimento é, na famosa definição, “a emergência da imaturidade autocontraída” ou ainda da incapacidade para julgar sem orientação de outrem. Pode se dizer que uma das idéias-chave do ensaio kantiano sobre o que é o iluminismo é a seguinte: o público não deve submeter-se à orientação da religião, nem a do estado, mas somente à da sua própria razão. Submeter-se às orientações da própria razão é, para Kant, o acesso da humanidade ao estágio de maioridade. A questão que surge inevitavelmente é: qual a relação de uma humanidade esclarecida com a idéia de progresso em Kant? Faz-se necessário ressaltar que a grande aspiração kantiana é que a humanidade atinja um aperfeiçoamento geral. Isso para ele significa que a sociedade deve se tornar um todo moral. Em sua concepção, o processo de moralização da sociedade fundamentada na razão deve ser visto como mais nobre do que toda cultura e civilização do homem. Ele acredita que o esclarecimento seja o meio mais eficaz e viável para que haja na humanidade em geral um processo de moralização. E implícito nesse processo de moralização do homem mediante a razão, encontra-se a real possibilidade do gênero humano estar em progresso. Sendo assim, ele se esforça para inserir a razão em todas as dimensões da vida humana, a fim de lhe conferir um domínio definitivo, crente de que sem ela a humanidade está sujeita a não progredir. Como se vê, a noção de esclarecimento é extremamente fundamental

para fazer alusão à temática que nos propomos nesse artigo, bem como, de todo pensamento kantiano. E com certeza será o fio condutor das análises que faremos no decorrer desse texto.

3. A NOÇÃO DE PROGRESSO A PARTIR DE “A IDÉIA DE UMA HISTÓRIA UNIVERSAL DE UM PONTO DE VISTA COSMOPOLITA”

Dois textos de Kant são fundamentais para se discutir a sua idéia de progresso, a saber: “*A Idéia de Uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita*” (IHU) e “*O Conflito das Faculdades*” (CF). É a partir deles que tentaremos explicitar os principais elementos que formam o arcabouço teórico da concepção de progresso no filósofo em questão. Isso não significa que abriremos mão de outros textos do autor que possam nos auxiliar nessa investigação, como por exemplo, *Paz Perpétua* que também é de extrema importância. No primeiro (IHU), a argumentação kantiana encontra-se fundamentada na idéia de que é na história que a espécie humana realiza progressivamente os seus próprios fins. Neste sentido, o progresso é visto e concebido sob uma trama teleológica. Já no segundo (CF), a concepção de progresso passará por um processo de revisão e reformulação, surgindo assim, uma nova noção, mais direta, explícita e esplêndida como veremos mais adiante. Cumpre observar ainda que nos dois textos de Kant, tanto a temática da história quanto a sua idéia de progresso, está intimamente ligada entre si, formando uma unidade, uma conexão colocando uma exigência metodológica indiscutivelmente fundamental quando se pensa em abordá-los: falar de um implica em fazer menção ao outro. Em outras palavras: fazer alusão à noção kantiana de progresso pressupõe tratar também da sua concepção de história ou filosofia da história. Aliás, ousa a dizer mais: a esse binômio história-progresso deve estar ligado ainda um outro conceito chave que perpassa todo pensamento kantiano: a razão. É praticamente impossível pensar a história e o progresso, bem como outros temas em Kant, desvinculados do modo como ele compreende a razão.

A concepção kantiana de filosofia da história pode ser investigada em vários textos de sua autoria³, ficando evidente que essa temática ocupou um espaço significativo em sua filosofia se constituindo como um assunto extremamente importante. O sentido, o curso e o fim da história são as principais preocupações que Kant procura elucidar em tais escritos. Com isso, a sua intenção não é promover uma substituição da ciência histórica por uma disciplina ou ramo da atividade filosófica. O que ele pretende é possibilitar que a ciência histórica esteja alicerçada sobre um fundamento filosófico universal. Nesse sentido, podemos afirmar que em sua filosofia da história o objetivo kantiano não consiste em demonstrar a lógica inerente aos fatos históricos, mas explicitar um sentido, entendido como fio condutor que dirige as ações do ser humano concebidas como a revelação de

uma liberdade da vontade. Cumpre dizer que, a filosofia kantiana da história encontra-se ancorada em dois pressupostos oriundos do seu modo de fazer ciência e filosofia: a) a convicção de que na história, como tal na natureza as coisas se passam em conformidade a leis:

“Seja qual for o conceito que se possa fazer, mesmo do ponto de vista metafísico, de uma liberdade da vontade, os fenômenos dela, as ações humanas, são, tal como qualquer outro acontecimento natural, determinados por leis universais da natureza.”⁴

Percebe-se, então, que o horizonte dessa afirmação kantiana é o de uma teleologia da natureza, ou seja, a sua pretensão é encontrar no domínio da história a mesma regularidade que se encontra na natureza. Assim, o sentido da história tão procurado por Kant, encontra-se fundamentado numa teleologia da natureza. Por conseguinte, deve-se pontuar que as reflexões kantianas acerca da história tendem a dar uma resposta à questão que se encontra na esfera da moral: o homem é um fim em si mesmo, autônomo, porém a manifestação da sua autonomia jamais poderá ser concretizada no horizonte de uma existência individual. Somente a espécie tem condições de fazer acontecer essa realização progressiva, porque existe dentro da história e nela se desenvolve. Na concepção de Kant, o devir histórico é racional, necessário e independente da vontade dos indivíduos, que não possuem consciência dele. A árdua tarefa que permite o advento da racionalidade e da liberdade se realiza na espécie sem que ela seja ciente. Essa atividade inconsciente e involuntária está inserida em uma necessidade da natureza. Pensar juntas a história e a natureza⁵ é uma das tentativas que Kant se propõe. Assim, quase que mecanicamente a história da espécie procura realizar um plano da natureza. Essas idéias kantianas em torno da relação história e natureza nos leva a inferir que a história é um desenvolvimento finalizado. Isso pode ser constado nas palavras do próprio Kant quando afirma: “todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia se desenvolver completamente e conforme um fim”⁶. Nesse sentido, a idéia de progresso em Kant é pensada seguindo a trama teleológica; b) a tese de que o gênero humano, apesar de todos os retrocessos e estagnações, encontra-se num constante progresso para o melhor: “a história que se ocupa da narração desses fenômenos, por mais escondidas que as causas possam estar, deixa, contudo esperar que, ao considerar grosso modo o jogo da liberdade da vontade humana, possa descobrir um dia o seu curso regular e que, deste modo, aquilo que nos sujeitos singulares chama a nossa atenção por estar enredado e sem regra poderá todavia ser conhecido no gênero inteiro com o aspecto do desenvolvimento contínuo, se bem que lento, das disposições originárias”⁷. Disso resulta que, no entender do filósofo alemão, a condição para que o processo

histórico não se converta em um caos de acontecimentos sem sentido e significados é se estes acontecimentos se constituírem como a manifestação de autonomia da vontade. Em outras palavras: se existir a possibilidade da razão conduzir e guiar o progresso da espécie. Se não for assim, os acontecimentos históricos serão desprovidos de sentido e o gênero humano não estará propenso a progredir para o melhor.

Em *a IHU* Kant apresenta nove proposições que, de certa forma, sintetizam os principais elementos que compõem a sua filosofia da história. Não é nossa pretensão aqui detalhar e refletir sobre cada uma delas⁸. Queremos abordar somente sobre a quarta proposição, haja vista que ela parece nos oferecer informações valiosas acerca do tema que estamos tratando neste artigo. Tal proposição evidencia o modo como acontece percurso da história e se encontra formulada por Kant do seguinte modo:

“O meio de que a natureza se serve para realizar o desenvolvimento de todas as suas disposições é o antagonismo das mesmas na sociedade, na medida em que ele se torna ao fim a causa de uma ordem regulada por leis desta sociedade.”⁹

Da citação acima há um elemento de suma importância que devemos salientar: o antagonismo¹⁰. Ele é um conceito fundamental para se pensar o progresso na ótica kantiana. Mas como Kant entende esse conceito. Vejamos nas palavras do próprio filósofo o que ele significa:

“Eu entendo aqui por antagonismo a insociável sociabilidade dos homens, ou seja, a tendência dos mesmos a entrar em sociedade que está ligada a uma oposição geral que ameaça constantemente dissolver essa sociedade. Esta disposição é evidente na natureza humana. O homem tem uma inclinação para associar-se porque se sente mais como homem num tal estado, pelo desenvolvimento de suas disposições naturais. Mas ele também tem uma forte tendência a separar-se (isolar-se), porque encontra em si ao mesmo tempo uma qualidade insociável que o leva a querer conduzir tudo simplesmente em seu proveito [...]”¹¹

Essa compreensão de Kant em relação ao antagonismo revela que ela está intimamente ligada ao seu modo de entender o homem. Nesse sentido, o antagonismo kantiano ressalta os conflitos entre as tendências diversas em cada ser humano e dos humanos entre si. Percebe-se, então, que a natureza contraditória do progresso histórico se revela na insociável sociabilidade do homem. O gênero humano, por natureza, tem a propensão a unir-se aos seus semelhantes, mas ao mesmo tempo carrega consigo a tendência a isolar-se. Dir-se-ia que isso constitui um fator de

suma relevância para se investigar a noção de progresso no pensador em questão. Por conseguinte, temos em Kant, uma das condições fundamentais para que a humanidade possa rumar constantemente em direção ao progresso. Mas, com o passar dos tempos e na medida em que Kant amadurece as suas teorias sobre a filosofia da história, essa noção de progresso lentamente passará por um processo de revisão e reformulação, ou seja, parece que ele constatou que não é suficiente que se siga a trama teleológica para se pensar o progresso. É o que veremos a seguir.

4. A IDÉIA DE PROGRESSO EM KANT A PARTIR DO “CONFLITO DAS FACULDADES”

Vale lembrar que, de modo mais pertinente e instigante Kant reformulou a questão sobre o sentido da história e sua idéia de progresso alguns anos depois da Revolução Francesa. Tal reformulação e revisão encontram-se em uma das suas obras da maturidade intitulada em “*O Conflito das Faculdades*”, escrita em 1797. Essa obra é uma coletânea de três dissertações¹² sobre as relações entre as diferentes faculdades que constituía a universidade em sua época. A segunda dissertação procura discutir o conflito entre a faculdade de filosofia e a faculdade de direito. As reflexões propostas por ele neste texto o levam a concluir que não é mais suficiente que se siga a trama teleológica que torna possível o progresso como ele havia defendido em *A Idéia de Uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. A questão central das relações entre filosofia e direito procuram responder à seguinte pergunta: existe um progresso constante no gênero humano? É para solucionar esse problema que o filósofo alemão no parágrafo V da segunda dissertação de *O Conflito das Faculdades* formula um raciocínio que pode ser expresso da seguinte maneira: se quer dar uma resposta à questão – há um progresso constante no gênero humano – faz-se necessário três passos fundamentais: a) determinar se existe um causa possível desse progresso, b) uma vez estabelecida essa possibilidade é preciso mostrar que essa causa atua efetivamente e, 3) realçar acontecimento que mostre que a causa atua realmente.

No que diz respeito de saber se o gênero humano está em constante progresso, Kant recusa três teorias. De início ele refuta o que se chama de terrorismo moral que defende a idéia de que a humanidade está em perpétua regressão para o pior. Quanto a essa concepção ele afirma: “o desmoronamento para pior não pode durar constantemente no gênero humano; pois num certo grau seu, ele aniquilar-se-ia a si mesmo”¹³. Uma segunda teoria que Kant se mantém reticente e com reservas é a concepção eudemonista da história que admite que a marcha da história esteja em progresso constante. Quaisquer que sejam as reservas dele quanto ao eudemonismo – o progresso é talvez constante, mas nessa continuidade,

pode sofrer estagnações e rupturas não consideráveis – ele retém a sua significação positiva. Em relação ao eudemonismo Kant afirma: “o eudemonismo, com as suas vivas esperanças, parece, pois, ser insustentável e prometer pouco em prol de uma história profética dos homens, quanto à constante progressão na senda do bem”¹⁴. E por fim, Kant também se mantém reticente e com reservas em relação à hipótese do abderitismo segundo a qual a história é percorrida por um movimento oscilatório, o mal equilibrando o bem, como se o devir fosse apenas inércia.

A idéia de Kant é que pela experiência não é possível encontrar uma solução para o problema do progresso. Segundo ele, a resolução para essa questão se encontra no apontamento para uma experiência que tenha valor de signo com uma potência demonstrativa. Faz-se necessário isolar no interior da história um acontecimento que terá valor de signo. Kant faz alusão a um signo histórico que possa demonstrar a tendência do gênero humano em sua globalidade. Assim, a causa estaria sempre atuando e o progresso abarcaria toda a humanidade, ou seja, signo da existência de uma causa permanente que ao longo do processo histórico conduziu os homens pelo caminho do progresso. Desta forma, no entender de Kant, o acontecimento que demonstra se a humanidade está em progresso será um signo rememorativo (atuou outras vezes), demonstrativo (atua no presente) e prognóstico (atua no futuro):

“Importa, pois indagar um acontecimento que aponte, de modo indeterminado quanto ao tempo, para a existência de semelhante causa e também para o ato da sua causalidade no gênero humano, e que permita inferir a progressão para o melhor, como consequência inelutável, inferência que, em seguida, se poderia estender à história do tempo passado; porém, de maneira que aquele acontecimento não deva olhar como a sua causa, mas somente como indicativo, como sinal histórico (signum rememorativum, demonstrativum, prognosticon), e poderia, por isso, demonstrar a tendência do gênero humano, olhada no seu todo [...]”¹⁵

È dessa maneira que se pode estar seguro de que a causa que possibilita o progresso não age somente em um dado momento ou apenas em circunstâncias, mas que ela garante uma propensão geral da humanidade em marchar rumo ao progresso. Eis a questão levantada por Kant: há em nosso tempo um acontecimento que seja rememorativo, demonstrativo e prognóstico de um progresso que permita conduzir a humanidade em sua totalidade? O acontecimento contemporâneo de 1789, a Revolução Francesa¹⁶, tornar-se-á para ele o signo procurado para demonstrar a tendência do gênero humano ao progresso. Esse acontecimento terá uma importância fundamental para a filosofia kantiana da história. Mas o que importa para Kant não é o progresso revolucionário, seus atores, ou a marcha da

revolução, que pode inclusive fracassar, pois não é ela mesma que é signo, mas sim o que ela provoca nos espectadores. Estes chegam a uma simpatia que beira o entusiasmo, o que não pode ter outra causa senão uma disposição moral do gênero humano. A esse respeito Kant afirma:

“A revolução de um povo espiritual, que vimos ter lugar nos nossos dias, pode ter êxito ou fracassar; pode estar repleta de miséria e atrocidades de tal modo que um homem bem pensante, se pudesse esperar, empreendendo-a uma segunda vez, levá-la a cabo com êxito, jamais, no entanto, se resolveria a realizar o experimento com semelhantes custos – esta revolução, afirmo, depara, todavia, nos ânimos de todos os espectadores (que não se encontram enredados nesse jogo), com uma participação segundo o desejo, na fronteira do entusiasmo, e cuja manifestação estava, inclusive, ligada ao perigo, que, por conseguinte, não pode ter nenhuma outra causa a não ser uma disposição moral no gênero humano.”¹⁷

Constata-se, então, que para Kant, não são as revoluções, enquanto fatos datados, com suas dores e fracassos que indicam um progresso na história. O fracasso ou o triunfo em relação às revoluções não são signos de progresso. Desta forma, o filósofo alemão privilegia a idéia de revolução e não o fato. A idéia de revolução é completamente distinta da experiência. As conseqüências da revolução enquanto experiência factual, tais como, a violência, o sofrimento do povo, a fome, a destruição e todos os males decorrentes dela ficam suspensos. Se, no desejo dos homens persiste a idéia de revolução é porque ela tem mais significado e importância que a experiência. Mas idéia de revolução na cabeça de quem? Dos atores ou espectadores? Emmanuel Kant não defende a posição de que a idéia de revolução era a que tinham os seus líderes ou os homens que lutaram por ela que geralmente são movidos pela vontade de poder e outros interesses. Assim, não é no palco que a cena da história encontra o seu sentido, mas na platéia. O que parece ser fundamental e significativo na ótica kantiana é o modo pelo qual a revolução se faz espetáculo. O como ela é recebida e acolhida em torno dos seus espectadores que não participam, mas olham e assistem e que, bem ou mal, se deixam arrastar por ele. Portanto, nos atores da revolução não se pode esperar ou ter garantias do caráter de signo do progresso que dá sentido à história. Quem pode dar essa garantia é a massa anônima de espectadores, pois desinteressados do jogo político, manifestaram uma adesão entusiasmada à sua idéia. Nesse sentido, para Kant, o entusiasmo verdadeiro, que não tem nenhuma relação com o fanatismo ou extravagância, só pode ser suscitado pelas idéias da razão. O autêntico signo de que existe um progresso na história não é, portanto, propriamente a revolução, mas o entusiasmo que provoca nos seus espectadores, pois na verdade tal sentimento traz implícito o desejo de uma sociedade nova, justa, livre e feliz na qual a paz

possa ser perpetuada. Como se vê, em Kant, esse entusiasmo para com a revolução é signo de uma disposição moral da humanidade que se manifesta continuamente de dois modos:

“A causa moral aqui interveniente é dupla: primeiro, é a do direito de que um povo não deve ser impedido por outros poderes de a si proporcionar uma constituição civil como ela se lhe afigurar boa; em segundo lugar, a do fim (que é ao mesmo tempo dever), de que só em si legítima e moralmente boa a constituição de um povo que, por sua natureza, é capaz de evitar, quanto a princípios, a guerra ofensiva [...]”¹⁸

Portanto, a disposição moral voltada para a realização do direito pode ser a causa de um progresso constante na humanidade. Assim, a revolução no entusiasmo desinteressado do homem comum pela promessa de felicidade que ela traz para todos, é para Kant, um fenômeno na história que não se esquece mais. Na perspectiva do entusiasmo, a revolução é a chance de realização do direito do povo porque não é instrumental, ou seja, não representa o desejo interessado de poder, mas o desejo desinteressado de justiça.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar a investigação que nos propomos a fazer nesse artigo que foi a explicitação da concepção de progresso na filosofia kantiana, queremos fazer algumas considerações finais a título de conclusão. Ficou evidente que a noção de progresso pensada por Kant está muito distante da compreensão que se tem dessa temática em nossos tempos. Hodiernamente o desenvolvimento é pensado e concebido dentro de um esquema predominantemente materialista e capitalista onde progresso é sinônimo de acúmulo de riquezas, técnica, capacidade de intervir na natureza, lucros, expansão econômica, domínio de uma nação sobre a outra e não desenvolvimento das aptidões, disposições e potenciais que o gênero humano tem. Nesse sentido, o modo como Kant concebe o progresso tende a nos mostrar que o processo de moralização do homem como condição para que a humanidade possa progredir precede e deve ser anterior a qualquer expansão de cunho econômico, capitalista e exploração científico-tecnológica sobre a natureza. Desta forma, Kant nos faz pensar numa questão que lamentavelmente os homens do presente parecem não considerar: que progresso deve ser sinônimo de humanismo, de realização da justiça de modo universal, de uma ordem social onde reina a paz entre os homens, de desenvolvimento das potencialidades que o humano naturalmente possui.

NOTAS

1 Doutorando em filosofia; professor de filosofia na Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana e Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Campus Maringá. E-mail: pzez@bol.com.br;

2 Vale lembrar que a primeira fase do pensamento kantiano, bem como, os seus escritos pré-críticos pertencem a essa fase do Iluminismo alemão.

3 As reflexões de Kant em torno da história podem ser encontradas nos seguintes textos: “A Idéia de Uma História Universal do Ponto de Vista Cosmopolita”, “O Que São as Luzes?”, “Começo Conjectural da História da Homem”, “Conflito das Faculdades”, “Uma Filosofia da História da Humanidade”, “A Metafísica dos Costumes”, “A Crítica da Faculdade de Julgar”, “Para a Paz Perpétua” e nas Lições de Antropologia e Pedagogia.

4 KANT, IHU, 1986;

5 Essa é uma questão importante no pensamento iluminista: que as questões da natureza e as da história devem ser tratadas de modo conexo e inseparável, ou seja, formam uma unidade que não se pode romper para investigar cada um dos seus segmentos à parte. No que diz respeito a essa relação entre natureza e história, Ricardo Ribeiro Terra em seu artigo “Algumas Questões Sobre a Filosofia da História em Kant”, apresenta-nos uma posição muito interessante: “Natureza e História não estão em conflito, a natureza não é vista aqui como uma necessidade cega nem a história como uma criação sem fundamento. O sentimento da história é algo de possível e de ideal, e sob ambos os aspectos é algo de não necessário, de não incondicionado, de realizável sob certas condições [...]. Natureza que expressa, neste contexto, alternativas e não predeterminação. Os homens podem ou não realizar sua destinação. Eles têm elementos para realiza-la e é mais provável que o façam, mas não há aí uma afirmação dogmática, ou um conhecimento científico de leis naturais necessárias da história”.

6 KANT, IHU 1986, p. II;

7 KANT, 1986, p.II;

8 As três primeiras proposições informam sobre o sentido da história e resumidamente são as seguintes: 1) todas as disposições naturais de uma criatura são determinadas a desenvolver-se um dia de maneira completa em conformidade com um; 2) no homem aquelas disposições naturais que visam o uso da sua razão não se desenvolvem de maneira completa no indivíduo, mas apenas no gênero; 3) a natureza quis que o homem tire inteiramente de si mesmo tudo que ultrapassa a organização mecânica da sua existência animal e que não participe em nenhuma outra felicidade ou perfeição a não ser a que ele próprio criou, livre do instinto para a sua própria razão. Da quinta até a nona proposição Kant apresenta indicações sobre o fim da história que podem ser expressas no que segue: pode-se considerar a história do gênero humano como a realização de um plano escondido da natureza para produzir uma constituição política perfeita no plano interno e também perfeita, para este fim, do ponto de vista externo.

9 KANT, 1986, p.I3;

10 Cumpre dizer que também para Santo Agostinho a temática do antagonismo é extremamente fundamental para se compreender a sua noção de progresso alicerçada numa relação entre o secular e o divino.

11 KANT, 1986, p. 13;

12 As três dissertações – “O Conflito da Faculdade de Filosofia com a Faculdade de Teologia”, “O Conflito da Faculdade de Filosofia com a Faculdade de Direito” e “O Conflito da Faculdade de Filosofia com a Faculdade de Medicina” – abordam a crise geral das relações entre o conhecimento e o poder instituído, e da questão específica das relações entre a instituição superior de ensino e o poder político, através de uma investigação das relações da faculdade inferior de filosofia com as três faculdades superiores, a saber: teologia, direito e medicina. Os antecedentes dessa obra kantiana foram a tensão crescente, no decorrer de meados do século XVIII, entre as reivindicações das faculdades superiores, que tinham como responsabilidade a formação dos clérigos, dos advogados e médicos, e a da faculdade inferior, a filosofia, para tratar sobre problemas teológicos, jurídicos e medicinais. Entretanto, o pano de fundo dos três artigos de Kant foi a austeridade em relação à censura, após Frederico Guilherme em 1786 ascender ao poder e ter a pretensão de reverter o processo de esclarecimento incentivado por Frederico II.

13 KANT, 1993, p. 97;

14 KANT, 1993, p. 98;

15 KANT, 1993, p.101;

16 Cumpre dizer que Kant tomou partido favorável à Revolução Francesa, na qual via não somente um processo de transformação econômica, social e política, mas, sobretudo um problema moral. Ela significou o acesso do homem à sua maioridade. Representou a primeira vez que houve o exercício do direito do povo decidir do seu próprio destino (direito de liberdade em um dos seus sentidos), ou seja, o direito que tem um povo de não ser impedido por outras forças de dar a si mesmo uma Constituição Civil que ele crê boa.

17 KANT, 1993, p. 102;

18 KANT, 1993 p. 102;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRAMPE-CASNABET, Michele. 1994: *Kant – Uma Revolução Filosófica*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

DELEUZE, Gilles. 1976: *Para Ler Kant*. Trad. Sônia Dantas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.

KANT, Immanuel. 1993: *O Conflito das Faculdades*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

_____. 1979: *Crítica da Razão Pura*. 2ª Edição. Trad. Valério Rohden e Ledo Moosburguer, em “Os Pensadores”, São Paulo: Abril Cultural.

- _____. 1986: *Crítica da Razão Prática*. Trad. Artur Morão, Lisboa: Edições 70.
- _____. 1986: *Idéia de Uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita*. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. Edição Bilingüe. São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____. 1988: *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70.
- _____. 1985: *Resposta à Pergunta: o que é Esclarecimento?*. Trad. Raimundo Vier, em "Textos Seletos", Petrópolis: Editora Vozes.
- TERRA, Ricardo R. 1986: "*Algumas Questões Sobre a Filosofia da História em Kant*". In KANT, Immanuel. *Idéia de Uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, p. 43 -74.
- VEURNEAUX, R. Kant. 1972: *Critique de la raison purê*. Paris.